



Por  **Iberdrola** Mais Energia, Mais Vantagens Oferta 60€

Exclusivo

CULTURAS

2025 na Cultura: os 10 melhores espetáculos de dança em Portugal



Uma obra obrigatória para acabar de vez com as tontices de critérios de beleza **Paulo Pacheco**

Silvia Gribaudi desmontou com humor estereótipos do corpo e códigos da dança em “Graces”, um espetáculo que vimos em estreia nacional no GUIDance, em Guimarães, no passado mês de fevereiro. Da lista de escolhas constam ainda criações de Marlene Monteiro Freitas, Marco da Silva Ferreira e Vera Mantero, entre outros



Claudia Galhós

Um grande alarido tomou conta do público. Gargalhadas, gritos lançados para o palco, em resposta às interpelações vindas do mesmo palco. Foi uma paródia. Foi uma paródia para quem alinhou na folia e para quem domina os códigos da dança e do espetáculo o suficiente para perceber a genialidade da obra. Havia os outros, no público, os que não conseguiram ver para além da superfície e do gozo e da brincadeira, por mais amparada que estivesse em erudição e domínio técnico. A famosa quarta parede, a que separa público e palco, tinha sido dinamitada. O grande auditório do Vila Flor, em Guimarães, parecia minúsculo, como se fosse a sala de estar de uma casa de família com muitos convidados.

1

GRACES

De Silvia Gribaudi

“Graces”, da italiana Silvia Gribaudi, é uma obra obrigatória, para acabar de vez com as tontices de critérios de beleza, de eficácia e de perfeição nesta sociedade capacitista. É um exercício de imaginação genial da coreógrafa, que também dança, que expõe toda a humanidade dos seus 51 anos, ao mesmo tempo que expõe esses clichés esgotados que formatam corpos, formatam critérios de julgamentos uns sobre os outros. É um rasgo de liberdade. É com essa alegria contagiante que trata o tema de inspiração que lhe dá o título – a escultura “The Graces”, de Antonio Canova (1812 e 1817), que apresenta três figuras femininas, as filhas de Zeus, nuas, envolvidas num abraço.

Silvia partilha o palco com três intérpretes masculinos, parodiando os estereótipos de posições e passos de bailado, assim como figurações do humano, a começar por si e o seu corpo feminino, que tem uma dança por vontade própria, como ao apontar para o balanço da flacidez quando levanta um braço para fazer adeus. Vai muito além da gargalhada.

2

NÔT

De Marlene Monteiro Freitas

“Nôt” é uma obra burlesca e exuberante, composta por camadas de imaginação fulgurante que reconhecemos da criadora, elevada ao mais alto nível. “Nôt” consegue superar a sua obra máxima, “Bacantes” (2017), criando como que uma síntese de um mundo fabuloso, com detalhes de deliciosa malvadez, que compõe em muitas cenas os elementos mais mirabolantes, como se estivéssemos perante um quadro vivo luxuriante que lembra, na visão global e nos muitos pormenores, uma variante de um “Jardim das Delícias”, muito terrenas, de Bosch.

3

F*CKING FUTURE

De Marco da Silva Ferreira

“F*cking Future” é um espetáculo que se vê como quem lê um romance do mais recente Nobel da Literatura, László Krasznahorkai, numa escrita de longo fôlego no contínuo de uma frase só. Potente, intensa, o corpo máquina e humano, dominando todas as articulações, numa precisão que opera a metamorfose do militar em sedutor. Uma ode queer à resistência e ao sonho, repleta de tensões e ameaças de guerra, mas que transforma o grito de batalha em hino de celebração da vida. Com a morte demasiado próxima, deixa a promessa cantada: “não trazemos pistolas, só corpos em fogo”.

Luana Santos

4

VIOLETAS

De Vânia Doutel Vaz

É antiga a reflexão sobre o poder do olhar num corpo que dança. E Vânia Doutel Vaz, na sua extraordinária qualidade de intérprete e criadora, compõe espetáculos de dança com a consciência desse exercício de poder. Cinco intérpretes, cinco solos, dançando-se as qualidades específicas de cada bailarina.

5

C.C. (CREMATÍSTICA E CONTRAFORÇA)

De Vera Mantero & Cúmplice

É uma peça num lugar entre tempos, memórias e ecos de outras peças de Vera Mantero. Também de recurso a materiais como entidades viventes, que dialogam com os corpos dos intérpretes, onde esses vestígios do que resta — ossadas, peças de cerâmica — são extensões do corpo humano. Gerando outros corpos, compõem a suspensão do real para pensar uma ecologia e poética relacional.

6. UMUKO

De Dorothee Munyaneza

7. O SALVADO

De Olga Roriz

8. ENTRE OUTRAS COISAS, A PEREIRA E O REAL

De Sílvia Real & Miguel Pereira

9. BEAUTIFUL

De Ana Rita Xavier & Daniel Conant

10. PARA CUATRO JINETES

De Mucha Muchacha

RELACIONADOS

2025 na Cultura: as 10 melhores peças de teatro do ano em Portugal

2025 na Cultura: as 10 melhores exposições do ano em Portugal
